
SER Social

PANDEMIA DE COVID-19 E POLÍTICAS SOCIAIS
Brasília (DF), v. 25, nº 51, julho a dezembro de 2022

A saúde dos trabalhadores em *O Capital*

Workers' health in Capital
La salud de los trabajadores en El Capital

Diego de Oliveira Souza¹

<https://orcid.org/0000-0002-1103-5474>

Paulo Victor Rodrigues de Azevedo Lira²

<https://orcid.org/0000-0002-8588-839X>

Recebido em: 24/03/2021

Aprovado em: 17/08/2021

Resumo: O objetivo deste estudo teórico reside em apreender o debate sobre a questão da saúde dos trabalhadores na obra de Karl Marx. O texto tomado para análise do tipo imanente consiste em *O Capital*, capítulos VIII, XIII e XXIII. Marx abordou a questão da saúde dos trabalhadores a partir da constatação da necessidade inerente ao capital de extrair mais-trabalho, refletida em desgaste, adoecimento e morte. Marx evidenciou a ocorrência destes processos, não se atendo apenas ao processo de produção, mas ao desenvolvimento do modo de pro-

1 Bacharel em Enfermagem. Especialista em Saúde do Trabalhador (Fatec Internacional). Mestrado em Serviço Social (UFAL) e Doutorado em Serviço Social (UERJ). Professor adjunto da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3935008200094728>.

2 Bacharel em Medicina Veterinária. Especialização em Saúde Coletiva (Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva – Fiocruz/PE). Mestrado em Saúde Pública (Fiocruz/PE). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública do Instituto Aggeu Magalhães – Fiocruz/PE. Técnico do Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Pernambuco. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5051942351336744>.

dução/reprodução capitalista. Ressalta-se que apenas o estudo da obra marxiana se faz insuficiente para a compreensão das relações contemporâneas; contudo, sem seu estudo, é praticamente impossível avançar no entendimento do modo de produção capitalista, na sua crítica e, sobretudo, na sua transformação. Portanto, compreender a questão da saúde dos trabalhadores atualmente perpassa também pelo estudo da obra de Marx.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador. Questão Social. Karl Marx. Trabalho.

Abstract: The objective of this theoretical study is to understand the debate on the issue of workers' health in Karl Marx's work. The text selected for immanent analysis consists of *Capital*, specifically chapters VIII, XIII and XXIII. Marx approached the issue of workers' health from the observation of capital's inherent need to extract more labor, reflected in wear and tear, illness, and death. Marx evidenced the occurrence of these processes, not only focusing on the production process, but also on the development of the capitalist production/reproduction mode. It is noteworthy, however, that the study of Marx's work alone is insufficient to understand contemporary relations; however, without his study it is practically impossible to advance in the understanding of the capitalist mode of production, in its critique, and especially in its transformation. Therefore, understanding the issue of workers' health today also involves the study of Marx's work.

Keywords: Work Health. Social Question. Karl Marx. Work.

Resumen: El objetivo de este estudio teórico es comprender el debate sobre la salud de los trabajadores en la obra de Karl Marx. El texto que se toma para el análisis inmanente es *El Capital*, concretamente los capítulos VIII, XIII y XXIII. Marx abordó la salud de los trabajadores a partir de la observación de la necesidad inherente del capital de extraer más trabajo, reflejada en el desgaste, la enfermedad y la muerte. Marx evidenció la ocurrencia de estos procesos, no sólo centrándose en el proceso de producción, sino también en el desarrollo del modo de producción/reproducción capitalista. Sin embargo, el estudio sólo de la obra marxiana es insuficiente para comprender las relaciones contemporáneas, pero, sin su estudio es prácticamente imposible avanzar en la comprensión del capitalismo, en su crítica y transformación.

Entender la salud de los trabajadores hoy en día también implica el estudio de la obra de Marx.

Palabras-clave: Salud laboral. Cuestión Social. Karl Marx. Trabajo.

INTRODUÇÃO

O objetivo, neste estudo teórico, consiste em apreender o debate sobre a questão da saúde dos trabalhadores na obra de Karl Marx. Especificamente, buscamos entender as conexões desse debate particular com a totalidade social analisada na obra marxiana. Argumentamos que a saúde dos trabalhadores, mesmo sem ser o objeto de estudo específico de Marx, consiste em questão de relevo em alguns de seus textos, a exemplo da sua principal obra: *O Capital*.

Vale destacar que o marxismo tem sido referencial teórico recorrente nas análises da Saúde Coletiva crítica, ainda que, muitas vezes, com vieses. Essa aproximação com o marxismo se mostra relevante desde o processo de construção original da referida área, a exemplo das contribuições sobre a degradação da saúde pelo trabalho no movimento operário italiano, nas décadas de 1960/1970 (BASAGLIA et al., 1984; BERLINGUER, 1983) ou, mais à frente, da Medicina Social latino-americana, nas décadas de 1970/1980 (LAURELL; NORIEGA, 1989).

O debate sobre a saúde no trabalho se desdobrou na discussão sobre a saúde, em geral, como processo socialmente determinado (LAURELL, 1982; BREILH, 1989). A ideia-chave de que a exploração do trabalho e a desigualdade econômica dela decorrente sejam as raízes mais profundas do processo saúde-doença, ainda que com diferenças, atravessa as obras dos autores, que fazem esse debate a partir da teoria social de Marx. Ou, ainda, podemos mencionar os estudos sobre os processos de trabalho em saúde (DONNANGELO, 1976; MENDES-GONÇALVES, 1994; POLAK, 1971) pautados na categoria do trabalho conforme Marx, considerando o processo de produção no capitalismo e as suas contradições.

Outra mediação de análise da saúde que estabeleceu interlocução com o marxismo foi a questão das políticas sociais nesse campo (AROUCA, 2003; CAMPOS, 1992), tendo sido o mote teórico-metodológico de movimentos de luta por saúde, a exemplo da Reforma Sanitária brasileira na década de 1980. Nesse debate, as categorias Estado e luta de classes comparecem, com interpretações diversas, até

os dias de hoje, nas análises e nos movimentos em defesa dos sistemas/serviços de saúde pública.

Não é rara, portanto, a presença de Marx e do marxismo na saúde, ainda que esteja longe de ser a perspectiva majoritária. Grosso modo, as categorias teóricas marxianas (e outras formuladas por marxistas) aparecem nos textos da Saúde do Trabalhador e da Saúde Coletiva ou, ao menos, o método de Marx está presente, sustentando as análises. Trata-se de um movimento (em nossa avaliação, imprescindível) a partir da obra de Marx, para fora dela, a fim de analisar a realidade em constante movimento. Menos comum é a imersão no próprio texto de Marx, tomando-o como objeto de estudo em si e não apenas como base teórico-metodológica. Essa é a nossa proposta no presente estudo, porquanto demonstramos que, para além de descobrir/redescobrir categorias teóricas que explicam a realidade social que subjaz à saúde (em geral e, também, a saúde no trabalho), o próprio Marx dedicou algum esforço no sentido de ele mesmo analisá-la.

A nosso ver, um profundo movimento de volta ao texto de Marx se faz, sempre, pertinente, a fim de não perder de vista as contribuições originais do autor e, assim, apreender com precisão as categorias teóricas presentes em sua teoria, tendo em vista o contexto no qual foram originalmente debatidas. Obviamente, as diferenças espaço-temporais em face da contemporaneidade devem ser consideradas, mas sem ignorar as linhas de continuidade existentes quando se trata dos pilares do sistema do capital. “Mergulhar” na obra marxiana é uma tarefa também imprescindível para a apreensão de tais pilares, inclusive na sua interface com a saúde.

Para tanto, o texto aqui tomado para análise consiste em *O Capital*, especificamente os capítulos VIII, XIII e XXIII. A escolha desses capítulos se deu pelo fato de que neles há diferentes correlações entre o trabalho e a saúde, com a análise de diversas consequências e doenças que recaíam sobre os trabalhadores, a partir de dados da época.

Metodologicamente, procedemos conforme a análise imanente de textos proposta por José Chasin. Neste tipo de análise, o texto se converte em caso/objeto de estudo, investigando-se a sua estrutura interna, como se articulam os argumentos e as categorias suscitadas no desenrolar do texto (CHASIN, 1978).

No caso em questão, os textos analisados serão o “palco de experiências e campo de provas” (LESSA, p. 16-17) que contribuirão

para o entendimento da saúde dos trabalhadores, na sua processualidade social, consoante Marx.

JORNADA DE TRABALHO: DESGASTE E ADOECIMENTO COMO REFLEXO DO MAIS-TRABALHO

No capítulo VIII de *O Capital, A Jornada de Trabalho*, Marx (1988a) parte do pressuposto de que a força de trabalho é vendida pelo seu valor (o conjunto dos valores das mercadorias necessárias para que se reproduza diariamente). Desse ponto de partida, ele demonstra como a jornada de trabalho sempre possui uma parcela de tempo na qual se constitui a exploração tipicamente capitalista; isto é, a partir da qual se extrai mais-valia.

Mais precisamente, Marx (1988a) demonstra que a força de trabalho sempre gera mais valor do que o seu valor de troca. Por conta disso, basta uma fração da jornada “normal” para que o trabalhador produza o que é lhe pago. A essa fração Marx (1988a) denominou trabalho necessário, pois é nela que se gera o valor em média necessário à reprodução da força de trabalho. Todo o tempo restante da jornada corresponde, nos termos de Marx (1988a), a mais-trabalho, quando, portanto, se produz a mais-valia, que é apropriada pelos proprietários dos meios de produção.

É no mais-trabalho que se constitui o processo de espoliação da força de trabalho, manifestando-se, inclusive, na questão da saúde. Quanto mais prolongada essa parcela da jornada de trabalho, maiores são as possibilidades de espoliação e adoecimento. Porém, para os capitalistas, enquanto personificações do capital, essa parcela da jornada de trabalho lhes parece apenas como um processo natural de valorização do valor. Segundo Marx (1988a, p. 180), “o que do teu lado [*referindo-se ao capitalista*] aparece como valorização do capital é da minha parte [*referindo-se ao trabalhador*] dispêndio excedente de força de trabalho”.

A ampliação do dispêndio excedente de trabalho (mais-trabalho) é imanente ao processo de reprodução do capital, o que, evidentemente, terá repercussões na definição da jornada de trabalho e nos seus impactos relacionados à saúde dos trabalhadores. Marx, ao considerar este ímpeto do capital e a conseqüente fluidez na definição da duração das jornadas de trabalho, não desconsidera que esta fluidez possui limitações que são determinadas concretamente por “barreiras” físicas e sociais/morais,

uma vez que existe um “limite físico”, em que o corpo do trabalhador consiga executar funções no processo de trabalho, como também barreiras morais, que atuam sobre a duração da jornada, apesar de ambas as características serem elásticas, propiciando grandes variações. Nas palavras de Marx, se apenas for considerado o impulso da acumulação capitalista:

[...] o capital tem um único impulso vital, o impulso de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa [...]. Apropriar-se de trabalho durante todas as 24 horas do dia é, por conseguinte, o impulso imanente da produção capitalista (MARX, 1988a, p. 179-180/197).

Com efeito, diversas formas de prolongamento da jornada de trabalho, legais ou não, constituíram a primeira tendência capitalista na ânsia por aumentar o mais-trabalho (logo, mais-valia). As estratégias variam desde o roubo de minutos dos intervalos para as refeições até a criação dos sistemas de trabalho de revezamento de turnos, incluindo equipes noturnas. O capitalismo estabelece aquilo que é normal desde a sua perspectiva, pois o trabalho a ele subordinado necessariamente gera “[...] a exaustão prematura e o aniquilamento da própria força de trabalho. [A produção capitalista] prolonga o tempo de produção do trabalhador num prazo determinado mediante o encurtamento de seu tempo de vida” (MARX, 1988a, p. 202-203).

Esse processo se traduz no adoecimento e/ou na morte precoce do trabalhador, ponto culminante dos sucessivos dias de desgaste. Sobre o encurtamento do tempo de vida, Marx expõe determinações essenciais a respeito do valor da força de trabalho.

Se o período médio que um trabalhador médio pode viver com um volume razoável de trabalho corresponde a 30 anos, o valor de minha força de trabalho que me pagas, um dia pelo outro, é $1/365 \times 30$ ou $1/10.950$ de seu valor global. Se, porém, tu a consumes em 10 anos, pagas-me diariamente $1/10.950$ em vez de $1/3.650$ seu valor global, portanto, apenas $1/3$ de seu valor de 1 dia, e furtas-me

assim diariamente $\frac{2}{3}$ do valor de minha mercadoria. *Pagas-me a força de trabalho de 1 dia, quando utilizas a de 3 dias* (MARX, 1988a, p. 180, *grifos nossos*).

Assim, Marx evidencia que a força de trabalho possui um valor diário, como também um valor total. Logo, jornadas de trabalho para além dos limites “normais” tendem a exponenciar o consumo da força de trabalho, reduzindo o seu valor total, o que acarretará uma maior extração de mais-valia, mas também levará a um desgaste prematuro e ao esgotamento precoce desses trabalhadores.

No decorrer de sua exposição, Marx (1988a) destaca o fenômeno do encurtamento do tempo de vida em diversas categorias profissionais ou setores produtivos, a exemplo dos ceramistas, trabalhadores das panificações, ferroviários, trabalhadores agrícolas, costureiras e na fabricação de vidros. O trabalho noturno também atua potencializando o processo, roubando o padrão de sono adequado à reposição das energias do trabalhador e, portanto, roubando-lhe a saúde, consoante os dados apresentados por Marx (1988a) nos trabalhos das manufaturas de fósforo, das panificações, da siderurgia e na fiação de algodão.

Vale destacar que, até a chegada da morte, os trabalhadores enfrentam uma vida de intenso sofrimento, em estado anêmico, flegmáticos, acometidos por doenças pulmonares, hepáticas, renais, reumatismo, entre outras (MARX, 1988a). Obviamente, em vida, o trabalhador desgastado e adoecido representa um limite físico à produção (algumas vezes, refletido em limites morais/sociais), evidenciando o caráter contraditório da espoliação promovida pelos capitalistas.

É importante destacar que esse ponto da abordagem de Marx é incorporado pela Saúde Coletiva de viés crítico, a exemplo do estudo (um dos pioneiros) de Laurell e Noriega (1989). Os autores apreendem esse processo de exaurimento descrito por Marx e associado ao mais-trabalho como ponto-chave para entender a saúde dos trabalhadores. Portanto, o desgaste consiste em um processo que nem sempre se traduz em doenças com diagnóstico bem delimitado, pois “pode ser definido, então, como a perda da capacidade efetiva e/ou potencial, biológica e psíquica” (LAURELL; NORIEGA, 1989, p. 115).

Além disso, Marx (1988a) confere ênfase à questão do trabalho infantil enquanto estratégia de potencializar a extração da mais-valia. Embora essa temática seja desenvolvida, também, no capítulo da

maquinaria e da grande indústria, no debate da jornada de trabalho são vastos os relatos de trabalho infantil em ambientes insalubres, sem luz, ar puro ou respeito ao desenvolvimento físico e psíquico das crianças.

São muitos os exemplos apresentados por Marx (1988a), como nos casos da produção de seda, cerâmica, fósforo, papel de parede e siderurgia, nos quais se assiste ao assassinato da infância, tolhida do lazer e da educação. São crianças raquíticas e tísicas, incorporadas ao processo produtivo sem nenhum pudor. Ao contrário disso, mesmo quando a limitação legal conquistada no bojo da luta de classes tenta impedir o trabalho, ao menos, das crianças mais novas, o capitalista lança mão das desculpas mais espúrias, a exemplo do que diziam os burgueses da produção de seda: “A delicadeza do tecido exige uma leveza de tato que somente pode ser assegurada por entrada precoce na fábrica” (*Factories Inquiry Commission*, 1846, *apud* MARX, 1988a, p. 223).

As primeiras leis fabris estavam atentas às limitações do trabalho infantil. Porém, em meio à espiral da luta de classes, a burguesia sempre reagia a uma nova lei com uma nova estratégia de burlá-la. Foi assim para o caso das crianças, mas também para o trabalho noturno ou para a redução da jornada de trabalho diurna. Isso não significa que as lutas em torno dessas questões sejam inócuas, ao contrário disto, demonstra que a subsunção do trabalho ao capital é um processo amplo que transcende a seara jurídico-estatal, que demanda organização da classe trabalhadora para dar respostas ao caráter contraditório do trabalho abstrato, seja na arena econômica, seja na arena política.

Naquilo que toca à saúde, esse caráter contraditório – enraizado no processo de valorização e em seus reflexos na luta de classes – também se faz evidente, oferecendo-nos indícios importantes sobre a questão da saúde dos trabalhadores como processo determinado socialmente. A introdução da maquinaria no processo produtivo marca um período de impulso a esses elementos inerentemente contraditórios do processo de valorização, inclusive, para além do mero prolongamento da jornada, como debatemos a seguir.

OS EFEITOS DA INTRODUÇÃO DA MAQUINARIA NO PROCESSO DE TRABALHO

O desenvolvimento das forças produtivas é condição *sine qua non* para a produção/reprodução do capital, ainda que em meio a uma

relação contraditória ante as relações sociais produtivas. É essa condição que põe as contingências para que a transformação da natureza, no capitalismo, resulte em um *quantum* de riqueza material sem precedentes, produzido e acumulado crescentemente.

O marco histórico decisivo para a consubstanciação de um novo patamar de desenvolvimento das forças produtivas reside na introdução da maquinaria nos processos de trabalho, resultando na substituição das oficinas de manufatura ou de processos ainda artesanais por processos industriais. Trata-se de elemento histórico decisivo para a consolidação do capitalismo enquanto novo modo de produção, levado a cabo, no caso inglês, em meados do século XIX.

Esse processo é por Marx (1988b) descrito no capítulo XIII de *O Capital*, seguido de uma análise profunda de suas consequências para a classe trabalhadora. Da parte inicial do capítulo, destacamos duas etapas da análise marxiana. Inicialmente, Marx (1988b) esclarece as diferenças da maquinaria para com as ferramentas dos processos artesanais ou manufatureiros. Nesse momento, Marx (1988b) aponta a composição da maquinaria dividida em três partes: máquina motriz, transmissão e máquina ferramenta. Compara esta última parte ao conjunto de ferramentas manufatureiras, mas que, a partir dali, podem ser movidas ao mesmo tempo graças à força motriz que substitui o ser humano. Com isso, a máquina consegue transformar os objetos de trabalho em mais produtos em menor tempo, o que representa o rompimento de barreiras antes postas à produtividade.

Na sequência, Marx (1998b) destaca o fato de a maquinaria ser resultado do desenvolvimento tecnológico, mas nunca neutro, porque afeito às necessidades de acumulação. O autor recupera um argumento fundamental que atravessa toda a sua obra, pois o desenvolvimento das forças produtivas, em si, poderia resultar em menos tempo de trabalho despendido pelos seres humanos, restando-lhes tempo livre. Contudo, como esse desenvolvimento está imerso em relações antagônicas, ele resulta exatamente no contrário: a maquinaria se converte em elemento impulsionador da produtividade, logo, aumentando a exploração do trabalhador. Não há redução do tempo de trabalho, ao contrário: no mínimo, esse tempo se converte em mais riqueza produzida pelo trabalhador, mas que é usurpada pelo proprietário da máquina (e pelos demais meios de produção).

As consequências da utilização capitalista da maquinaria são, imediatamente, três. A primeira é a incorporação de força de trabalho

suplementar, notadamente, trabalho feminino e infantil, porquanto a máquina motriz dispense o (ou, pelo menos, reduza a dependência do) trabalho braçal e o emprego de força física.

A segunda consequência consiste no prolongamento da jornada de trabalho, uma vez que a lógica de produção capitalista demanda o usufruto, o mais rápido possível, daquilo que a máquina pode oferecer-lhe. Em outras palavras, é preciso transferir o valor (fruto do trabalho morto) cristalizado nos meios de produção o mais rápido possível para os novos produtos, até porque deixar a máquina parada pode resultar na sua obsolescência ou em desgaste improdutivo.

Terceiro e último, há uma intensificação do trabalho³, concretizada, sobretudo, após as limitações legais aos sucessivos prolongamentos da jornada de trabalho. Se, por um lado, essa legislação mostrou que o Estado não está imune à luta de classes, por outro, revelou como essas conquistas parciais são absorvíveis pelo capital. Marx (1988b) demonstra que o capitalismo inglês eleva a intensidade do trabalho a um patamar humanamente irrealizável nas longas jornadas anteriores. Assim, mais do que prolongar o tempo de trabalho excedente e, com isso, produzir mais-valia absoluta, o capitalismo se consolida/expande pela produção de mais-valia relativa, com o aumento da produtividade, via desenvolvimento dos meios de produção e intensificação do trabalho.

Nos três casos, as consequências se estendem, violentamente, para a saúde. A exemplo do que fez no capítulo sobre a jornada de trabalho, Marx (1998b) destaca os problemas no crescimento e desenvolvimento das crianças empregadas, em alguns casos, desde os 4 anos de idade. Aquelas que ficam em casa, por sua vez, pagam o preço de ficar sozinhas, uma vez que tanto os pais quanto as mães estão nas fábricas a serviço do capital. Frequentemente, essas crianças se expõem a situações perigosas, ficam o dia todo nas ruas ou sem se alimentar.

Seja pelo prolongamento, seja pela intensificação, o esgotamento físico e mental dos trabalhadores é proporcional à produção de riqueza, ambos sem precedentes históricos. Esse exaurimento não se efetiva sem que ocorram, em conjunção, doenças das mais diversas e

3 Sobre a relação entre intensificação do trabalho e saúde, cf. Pina e Stotz (2015), quando, inclusive, eles tecem críticas à concepção de desgaste de Laurell e Noriega, por entendê-la como funcionalista, reduzida a uma relação demanda-controle. Para os autores, a intensificação se expressa, também, pela expropriação do saber operário (experiência), conferindo relevo à dimensão coletiva da classe trabalhadora que luta por saúde.

acidentes, sobretudo mediante o novo tipo de tecnologia desconhecido e cuja concepção não costumava levar em conta formas mais seguras de manuseio. A classe trabalhadora vai se transformando em um conjunto de mutilados, deformados, queimados etc.

No caso das doenças, Marx (1988b) cita algumas mais comuns à época, inclusive destacando atividades produtivas ou processos de trabalho nos quais, mais tipicamente, elas ocorrem. No quadro 1, destacamos as atividades mencionadas por Marx (1988b) no capítulo ora em análise, assim como os eventos de saúde-doença correlacionados.

Quadro 1. Eventos de saúde-doença relacionados a atividades produtivas mencionadas por Marx no capítulo XIII de *O Capital*

Atividade produtiva ou ofício	Evento de saúde-doença
Agricultura em geral	Mortalidade
Fiação/tecelagem	Exaustão
Plantação de algodão	Doenças pulmonares
Alfaiates	Mortalidade
Gráficos	Mortalidade
Rendeiras ⁴	Tuberculose
Produção de chapéus de palha	Cortes na boca e nos dedos
Atividades de branqueamento	Exposição a processos físicos e químicos
Ceramistas	Exposição a processos físicos e químicos
Tinturaria	Exposição a processos físicos e químicos
Panificação	Exposição a processos físicos e químicos
Manufatura de metais	Exposição a processos físicos e químicos
Fabricação de fósforo	Intoxicação por vapores venenosos
Indústria do linho	Acidentes com ¼ do tronco arrancado
Extração da seda	Exaustão e doenças pulmonares

Fonte: quadro elaborado pelos autores com base em Marx (1988b).

4 Os trabalhos das rendeiras, dos produtores de chapéu e de uma série de outros produtos de vestuário são problematizados por Marx (1988b) no bojo da apropriação do trabalho domiciliar pelo capital. Esses trabalhos, com origens artesanais, passam a acontecer no formato de manufaturas domésticas durante a transição para o capitalismo. Pouco em pouco, são absorvidas pela rotação capitalista, aumentando e intensificando o trabalho em um ambiente inadequado, à margem da legislação que estava sendo implementada e com salários abaixo do valor em geral pago a outros trabalhadores. Ora, ainda que tenhamos transformações consideráveis em face do século XXI, não é absurdo considerar que o essencial desse tipo de conformação de manufatura, precarizada e que se mistura à vida doméstica, não foi extinto. Exemplo disso é o caso da indústria da confecção no agreste do Estado de Pernambuco, no Nordeste brasileiro, consoante apontam Lira, Gurgel e Amaral (2020).

Há algumas menções a outras atividades ou ofícios, embora sem relacioná-los, diretamente, a eventos de saúde-doença, mas no contexto de outros efeitos da introdução da maquinaria, como desemprego ou rebaixamento dos salários. O que, por ora, queremos destacar é que, conforme mostra o quadro 1, Marx (1988b) se dedicou à análise de uma quantidade considerável de casos, sendo recorrente a correlação da questão da saúde dos trabalhadores com o processo central analisado no capítulo.

O alcance e a variedade de eventos que acometem os trabalhadores deixam clarividente que se trata de um processo determinado pelas mudanças advindas do novo modo de produção. Ao situar essa questão no bojo da totalidade social, ora apreendida pela introdução da maquinaria no processo de trabalho, Marx (1988b) oferece fortes argumentos para concebermos os eventos de saúde-doença enquanto expressões do antagonismo entre capital e trabalho. Em conjunto, conformam uma questão com bases materiais (econômicas), especialmente visível pela contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações sociais de produção, assim como, também, atravessada pelas respostas sociais e políticas as quais esse processo passa a demandar, historicamente.

Esse processo tem raízes no interior do processo de trabalho, mas é dinamizado ante a reprodução social, no bojo da totalidade, consoante o debate a seguir.

A LEI GERAL DA ACUMULAÇÃO CAPITALISTA: FUNDAMENTO PARA ENTENDER A SAÚDE DOS TRABALHADORES EM FACE DA TOTALIDADE

É interessante observar que Marx (1988b) deixa para abordar a lei geral da acumulação capitalista apenas no final do livro primeiro d'O *Capital*, no capítulo XXIII. Em geral, as produções teóricas lineares se preocupariam em apresentar seus pressupostos mais gerais no início, a fim de, a partir dele, construir seus argumentos de forma lógico-dedutiva.

O que Marx (1988b) faz é radicalmente oposto a essa postura gnosiologista, uma vez que ele parte daquilo que é mais evidente no capitalismo (em sua dimensão fenomênica), isto é, as relações mercantis (abordadas com aprofundamento no capítulo 1 - A mercadoria), para, a partir disso, apreender determinações cada vez mais profundas, que

explicam essas relações. Por conta dessa postura ante a realidade, Marx (1988a, 1988b) descobre os fundamentos da sociedade capitalista, a exemplo de sua lei geral, ao passo que, em outras posturas metodológicas, definem-se leis e princípios apriorísticos para a posterior invenção do objeto (neste caso, a sociedade).

Ao chegar à lei mais genérica do capitalismo, Marx (1988b) não abandona o movimento dialético, uma vez que retoma os efeitos mediatos e imediatos dessa tendência fundamental, mas com maiores níveis de concreção. Entre esses efeitos, questões fulcrais para a reprodução social da classe trabalhadora são evidenciadas e, portanto, possuem relação com a saúde dos trabalhadores, ainda que por processos que se desenvolvam fora do processo de trabalho *strictu sensu*. Diríamos que, com exaustão, o capítulo XXIII apresenta as bases materiais mais genéricas para se pensar a saúde no bojo da reprodução social e, por conta disso, é de nosso interesse neste estudo.

A primeira questão a ser destacada consiste na composição do capital. Para Marx (1988b), essa composição possui um duplo sentido: o primeiro é definido pelo valor, o que implica distinguir o capital constante (ou valor dos meios de produção) e o capital variável (ou valor da força de trabalho). Já a segunda possui como referência a matéria, o que se cristaliza na massa de meios de produção utilizada no processo e na quantidade de trabalho empregada para movimentar essa massa. A primeira composição (chamada de composição-valor) é tomada como referência de análise por Marx (1988b), uma vez que reflete as modificações da composição técnica (aquela cujo parâmetro é a matéria). Por conta disso, Marx (1988b) atribui à composição-valor o *status* de composição orgânica do capital ou, simplesmente, composição do capital, como passa a chamá-la ao longo do capítulo.

Tendo isso em vista, Marx (1988b) demonstra como a acumulação (do ponto de vista do capital social de uma nação), em um primeiro momento, só pode ocorrer pelo aumento do capital variável, isso com a composição orgânica do capital se mantendo a mesma no que diz respeito à proporção entre seus componentes variável e constante. Com isso, é recuperado um princípio básico da lei do valor, que acompanha a análise marxiana desde o capítulo 1: apenas a força de trabalho é capaz de gerar valor. Generalizando esse princípio, no bojo do processo de acumulação, podemos aceitar que, para Marx (1988b), a acumulação de capital não pode ocorrer sem o incremento do valor da força de trabalho.

Na sequência, Marx (1988b) prossegue com a sua análise, uma vez que o processo de acumulação não se dá, rigidamente, sob composição constante. Em vez disso, a argumentação marxiana chega a um ponto crucial do processo, porquanto demonstra que a continuidade da acumulação depende da produtividade crescente. Isto significa que se produz mais em menos tempo, com retorno de valor produzido sob a forma de capital constante, viabilizando a concentração do capital. Em outras palavras, Marx (1988b) argumenta que a concentração de meios de produção por parte de capitalistas individuais se dá conjuntamente à acumulação e que esta, por sua vez, resulta em uma alteração na composição do capital, com aumento relativo do valor de seu componente constante em relação ao valor do componente variável, ainda que este último continue aumentando em termos absolutos.

Assim, à medida que a acumulação (logo, concentração também) se desenvolve, há um incremento dos meios de produção em detrimento da proporção da força de trabalho correspondente, consubstanciando o que Marx (1988b) chamou de superpopulação relativa ou exército industrial de reserva. Nas palavras do autor:

A acumulação capitalista produz constantemente – e isso em proporção à sua energia e às suas dimensões – uma população trabalhadora adicional relativamente supérflua ou subsidiária, ao menos no concernente às necessidades de aproveitamento por parte do capital (MARX, 1988b, p. 190).

A existência dessa superpopulação atua de modo funcional à acumulação, inclusive por exercer pressão sobre a força de trabalho empregada, no sentido de rebaixar os seus salários, uma vez que os indivíduos do exército industrial de reserva, muitas vezes, estão dispostos, para sobreviver, a assumir postos de trabalho por salários menores do que os praticados no mercado. Em suma, é preciso considerar que o aumento ou rebaixamento dos salários (cuja massa é representativa do capital variável) aumenta ou diminui em função da lei geral de acumulação (obviamente, como desdobramento da lei do valor). Quando do seu aumento, é necessário ter em vista que ele se dá, sobremaneira, mediante a ampliação da acumulação, o que significa que mais-trabalho (não-pago) foi usurpado pelos capitalistas.

Com efeito, ainda que o salário aumente em termos absolutos, ele representa uma parcela relativamente menor do valor total produzido,

“significa, de fato, apenas que o tamanho e o peso da cadeia de ouro, que o próprio trabalhador forjou para si, permitem reduzir seu aperto” (MARX, 1988b, p. 182). Todavia, esse aumento sempre fica à mercê da lei geral (além de outros fatores complementares: oferta e procura, processos valorativos com diferenças regionais etc.), porque o preço do trabalho é limitado ao patamar no qual não se ameace a continuidade da acumulação, do aumento da produtividade e, portanto, do aumento relativo do capital constante em face do capital variável.

A questão dos baixos salários, assim como a situação de pauperismo absoluto da superpopulação relativa são temas debatidos por Marx (1988b) de forma contundente. Isso porque a concatenação marxiana deixa clarividente que esses problemas estão situados no bojo da acumulação, como resultados diretos da produção de riqueza e a corolária pauperização daqueles que a produziram.

Marx (1988b) recorre a diversos relatórios, dados e depoimentos oficiais da época, a fim de ilustrar a lei geral da acumulação capitalista e, conseqüentemente, suas repercussões negativas à reprodução social da classe trabalhadora pauperizada, inclusive no que toca à saúde. Não por um acaso, Marx (1988b) cita a pesquisa que Engels (2008) havia desenvolvido, na primeira metade da década de 1840, sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra, denunciando como as condições de vida eram deploráveis e aviltantes. Marx (1988b), assim como Engels (2008) já havia esboçado, demonstra (mas, agora, com maior profundidade) quais sejam as bases dessa situação, inclusive destacando a articulação orgânica com o processo de trabalho em si. Vejamos:

Nas seções sobre a jornada de trabalho e a maquinaria desvendaram-se as circunstâncias sob as quais a classe trabalhadora britânica criou um ‘aumento embriagador de riqueza e poder’ para as classes proprietárias. Naquela ocasião, no entanto, preocupava-nos sobretudo o trabalhador no exercício de sua função social. A fim de esclarecer plenamente as leis da acumulação, é preciso ter em vista também sua situação fora da oficina, suas condições de nutrição e moradia (MARX, 1988b, p. 207).

É preciso destacar o reconhecimento que o próprio Marx (1988b) efetiva sobre a articulação entre os três capítulos de *O Capital* que aqui analisamos, a fim de se entender a totalidade da situação da classe

trabalhadora, ou seja, dentro e fora dos locais de trabalho. Trata-se de um princípio fundamental para a análise, também, da saúde dos trabalhadores, uma vez que não se pode investigar/intervir na saúde tendo em vista só os elementos internos do processo do trabalho, mas considerá-los em face da totalidade da reprodução social dos trabalhadores (LAURELL; NORIEGA, 1989; SOUZA, 2016). Obviamente, mesmo nesta condição, o eixo da análise permanece sendo o trabalho, enquanto categoria fundante da sociedade e, portanto, eixo movente do processo de reprodução social.

Um trecho do relato sanitário de Simon, problematizado por Marx (1988b), resume bem quão vis eram as condições de reprodução social dos trabalhadores.

É preciso lembrar que a privação de alimentos é suportada com muita relutância e que, em regra, dietas muito deficientes só ocorrem quando outras privações as precederam. [...] O vestuário e o aquecimento ter-se-ão tornado ainda mais escassos do que a comida. Nenhuma proteção suficiente contra o rigor do inverno; redução do espaço de moradia a um grau que gera enfermidades ou as agrava; ausência quase total de utensílios domésticos ou de móveis; a própria limpeza ter-se-á tornado custosa ou difícil. [...] O lar há de ser onde o teto for mais barato; em áreas onde a polícia sanitária dá menos fruto, é mais lamentável o sistema de esgoto, menor o tráfego, máxima a imundície pública, mais miserável ou pior o suprimento de água e, em cidades, maior a falta de luz e ar (SIMON, 1863, *apud* MARX, 1988b, p. 210).

A partir do relatório (e da análise marxiana), constatamos que diversas mediações sociais comparecem enquanto expressões do antagonismo entre o capital e o trabalho, porque a ele estão diretamente ligadas. É o caso da privação de alimentos, da falta de vestuários e da proteção em face do frio, de moradias inadequadas, da ausência de móveis, utensílios domésticos ou outros elementos estruturais para higiene pessoal e da casa. A situação de miséria, por conseguinte, atinge de forma brutal a saúde dos trabalhadores, potencializando a degradação que se inicia no chão da fábrica.

Marx (1988b) cita várias categorias de trabalhadores que, à época, eram tidas como as mais mal pagas (como tecelões de seda, costureiras,

luveiros em couro, tecelões de meias e sapateiros), destacando a fome e as mazelas sanitárias que os atingiam. Destaca, ainda, que o caso do proletariado agrícola é ainda mais brutal, em face da dinâmica que se desenhava com o crescimento da grande indústria, a favor das atividades urbanas e desfavorável à vida no campo. Inclusive, Marx (1988b) correlaciona algumas doenças contagiosas ao processo de migração de trabalhadores entre cidades e países e do campo à cidade, a exemplo do caso da varíola. É mister dizer que, na cidade, em meio às casas apertadas, sem ventilação, água e saneamento, essas doenças encontravam as condições adequadas para se tornarem epidemias devastadoras.

Mesmo entre categorias que, tradicionalmente, recebiam melhores salários (a exemplo dos trabalhadores da indústria de navios de ferro), o rebaixamento dos salários, o desemprego, a fome e as doenças logo chegaram, enquanto reflexos da acumulação capitalista. Por esse prisma, portanto, a saúde dos trabalhadores se revela um processo socialmente determinado, cuja pedra fundamental é o antagonismo entre o capital e o trabalho e que, de diferentes formas, atinge a totalidade dos trabalhadores. Essa perspectiva é imprescindível para não se confundir essa determinação com uma mera correlação entre fatores isolados uns dos outros.

Em vez disso, as contribuições marxianas não deixam dúvidas de que estamos diante de um processo social uno (mas heterogêneo) e de que os supostos fatores sociais (como assim são entendidos em outras perspectivas) são, na verdade, manifestações do caráter antagônico da sociedade. Não basta, portanto, reconhecer que a fome e a falta de habitação e de vestuário influenciam a saúde. É preciso entender como essas problemáticas foram produzidas histórica e socialmente, como se articulam ante a totalidade e como se traduzem em degradação e morte dos trabalhadores.

Diante disso, a saúde dos trabalhadores, desde a análise marxiana, nem pode ser explicada por fatores desconexos entre si, nem pode ser apreendida a partir da dicotomia entre o processo de trabalho (de um lado) e a reprodução social (de outro). Trata-se, em vez disso, de uma questão que possui o seu nível particular de totalidade, inserida em uma totalidade ainda maior, qual seja: o ser social – historicamente determinado, contemporaneamente, pelo antagonismo entre o capital e o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da nossa análise, foi possível evidenciar como Marx abordou a questão da saúde dos trabalhadores em *O Capital*. A questão toma forma por meio do exame da estrutura e da dinâmica da acumulação capitalista. A necessidade de valorização do valor e a constatação da força de trabalho como única mercadoria geradora de valor são “pilares” fundamentais para o entendimento da questão da saúde dos trabalhadores em *O Capital*. Ao evidenciá-los, Marx também desnuda a contradição em que o capital se encontra: é inerente ao seu *modus operandi* aviltar aquilo de que necessariamente precisa para o seu funcionamento. Em outras palavras, o capital precisa necessariamente da força de trabalho para se valorizar, mas engendra condições que fundamentalmente levam ao seu desgaste.

Ao evidenciar isto, Marx adentra também na questão da saúde dos trabalhadores. Assim, foi possível acompanharmos que o impulso “vampiresco” por mais-trabalho é também expresso no desgaste, no adoecimento e na morte dos trabalhadores (encurtamento da vida), evidenciados pelo autor com riqueza de detalhes, em diversos processos produtivos e em diferentes momentos históricos do desenvolvimento do capitalismo. A extensão da jornada de trabalho, a inserção da maquinaria e o desenvolvimento da indústria, a intensificação do trabalho e a relação dialética com o processo de reprodução social conferem o caráter unitário e diverso da análise marxiana.

Ao contrário de cindir ou fatorializar sua análise, Marx expõe a questão da saúde dos trabalhadores como processo socialmente determinado, e não relacionado apenas com o processo de trabalho desenvolvido em determinados ramos da indústria, mas em plena articulação com a totalidade social. Essa articulação é evidente na exposição realizada, sobretudo, no capítulo em que trata da lei geral da acumulação capitalista, uma vez que o avanço nas condições de miséria de uma grande parte da classe trabalhadora acompanha e constitui, essencialmente, o desenvolvimento do capitalismo.

É necessário ainda ressaltar que o estudo apenas da obra marxiana se faz insuficiente para a compreensão das relações atuais no capitalismo; contudo, sem seu estudo, é praticamente impossível avançar no entendimento do modo de produção capitalista, na sua crítica e, sobretudo,

na sua transformação. Portanto, compreender a questão da saúde dos trabalhadores contemporaneamente perpassa também pelo estudo da crítica da economia política abordada por Marx.

Processos atuais como a chamada *uberização* do trabalho, as aprovações de contrarreformas, como a trabalhista e a previdenciária no Brasil, além do desmonte das políticas públicas, são determinados, em última instância, por diversas mediações, pela necessidade de reprodução ampliada do capital. Por isso, apesar de insuficiente, o retorno a Marx é urgente e necessário.

REFERÊNCIAS

AROUCA, Sergio. **O dilema preventivista**. Contribuição para a compreensão e crítica da Medicina Preventiva. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

BASAGLIA, F.; GIOVANNINI, E.; MINIATI, S.; PINTOR, L.; PIRELLA, A. et al. **La salud de los trabajadores**: aportes para una política de salud. México: Editorial Nueva Imagen, 1980.

BERLINGUER, Giovanni. **A saúde nas fábricas**. Trad.: Hanna Augusta Rothschild; José Rubem de A. Bonfim. São Paulo: Cebes-Hucitec, 1983.

BREILH, Jaime. **Epidemiologia**: Economía, medicina y política. Fontamara, México, 1989.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Reforma da reforma**: Repensando a saúde. São Paulo: Hucitec, 1992, 220 p.

CHASIN, José. **O Integralismo de Plínio Salgado**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

DONNANGELO, Maria Cecília. Parte I - Medicina e estrutura social. In: DONNANGELO, Maria Cecília; PEREIRA, Luiz. **Saúde & Sociedade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad.: B. A. Schumann. Ed. José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2008.

LAURELL, Asa Cristina. La salud-enfermedad como proceso social. **Revista Latinoamericana de Salud**, Cidade do México, nº 2, p. 7-25, 1982.

LAURELL, Asa Cristina; NORIEGA, Mariano. **Processo de produção e saúde:** Trabalho e desgaste operário. Trad.: Amélie Cohn; Ana Pitta-Hoisel; Ana Isabel Paraguay; Lúcia Helena Barbosa. São Paulo: Hucitec, 1989.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo.** São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LIRA, Paulo Victor Rodrigues de Azevedo; GURGEL, Idê Gomes Dantas; AMARAL, Angela Santana do. **Superexploração da força de trabalho e saúde do trabalhador: o trabalho precário na confecção.** Physis, Rio de Janeiro, v. 30, nº 1, e300106, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312020000100603&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2020. Epub 03-Jun-2020. Link: <<https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300106>>.

MARX, Karl. **O Capital:** Crítica da economia política. Livro primeiro, Tomo I. Trad.: Regis Barbosa; Flávio R. Kothe. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988a.

MARX, Karl. **O Capital:** Crítica da economia política. Livro primeiro, Tomo II. Trad.: Regis Barbosa; Flávio R. Kothe. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988b.

MENDES-GONÇALVES, R. B. **Tecnologia e organização social das práticas de saúde:** Características tecnológicas do processo de trabalho na rede estadual de centros de saúde de São Paulo. São Paulo: Editora Hucitec/Abrasco, 1994.

PINA, J. A.; STOTZ, E. N. Intensificação do trabalho e saúde dos trabalhadores: Um estudo na Mercedes Benz do Brasil, São Bernardo do Campo, São Paulo. **Saúde e sociedade**, v. 24, nº 3, p. 826-840, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902015131966>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

POLACK, J. C. **La medicine du Capital.** Paris: Maspéro, 1971.

SOUZA, Diego de Oliveira. **Saúde do(s) trabalhador(es):** Análise ontológica da “questão” e do “campo”. Tese [Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, Diego de Oliveira; SILVA, Sóstenes Ericson Vicente da; SILVA, Neuzianne de Oliveira. Determinantes sociais da saúde: reflexões a partir das raízes da “questão social”. **Saúde & Sociedade**, São Paulo, v. 22, nº 1, p. 44-56, 2013.